

FERNANDA ROCHA NASCIMENTO

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO:
TRANSFERÊNCIA EM FREUD

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica
Orientador: Profa. Dra. Carmen Lucia Montechi Valladares de Oliveira

COGEAE - PUC/SP

2016

RESUMO

O presente estudo propõe articular uma análise do conceito de transferência e suas implicações na educação, especificamente na relação professor-aluno. Para desenvolver esse argumento buscou-se compreender brevemente história da psicanálise, todavia, na educação com foco onde no que Sigmund Freud abordou a respeito em sua obra e como apresenta o conceito de transferência ao longo dos seus trabalhos em relação com o saber e o conhecimento e ainda o que diz respeito no campo educativo, inserindo-o na interface psicanálise e educação. Para Freud o universo que permeia a relação educador-educando é o pano de fundo para muitas situações, proporcionando desafios, e esta estabelece uma transferência positiva com a criança, uma relação afetiva forte, que será o grande motor da ressocialização dela. Dessa forma, não é o ambiente o fator principal dessa relação, nele encontramos apenas o sustento de tais levantamentos.

Palavras chave: transferência, psicanálise, saber, relação professor-aluno, transferência hostil.

ABSTRACT

The present study proposes to articulate an analysis of the concept of transference and its implications in education, specifically in the teacher-student relationship. To develop this argument we sought to briefly understand the history of psychoanalysis, however, in education with focus where in what Sigmund Freud approached about it in his work and how he presents the concept of transference throughout his works in relation to knowledge and knowledge. For Freud, the universe that permeates the educator-educator relationship is the background for many situations, providing challenges, and it establishes a positive transference with the child, a strong affective relationship, which will be the great motor of the resocialization of it. In this way, environment is not the main factor of this relation, in him we find only the sustenance of such surveys.

Keywords: transference, psychoanalysis, knowledge, teacher-student relationship, hostile transference.

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão a Deus que me capacitou e me abençoou.

A profa. Dra. Carmen Lucia Montechi Valladares de Oliveira, minha orientadora por seu constante apoio nessa pesquisa, por me incentivar, muitas vezes, abdicando de suas tarefas pessoais para me ajudar a concluir essa empreitada. Aos meus companheiros de curso, Bruna, Bruno, Erika, Karina e Luciene com a pequena Catarina, que me fizeram uma pessoa melhor.

Ao meu querido amigo, Sergio Augusto.

A minha amada mãe, por ter me sustentado em suas orações.

Aos meus amigos e familiares, que compreenderam minhas ausências e me incentivaram.

Aos meus alunos, que me permitem diariamente crescer.

Sumário

1.0 INTRODUÇÃO	5
2.0 PENSANDO A PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO	9
2.1 No Brasil a inserção da psicanálise na educação	12
3.0 FREUD E A EDUCAÇÃO	17
4.0 FREUD E AS TRANSFERÊNCIAS	28
4.1 Transferência na relação professor-aluno	46
4.2 O caso M.	47
5.0 CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1.0 INTRODUÇÃO

De acordo com Roudinesco (1998), a psicanálise aplicada diz respeito a campos externos ao funcionamento psíquico (p.605). Para essa autora, desde de muito cedo, Freud sentiu que estava desenvolvendo ideias que pudessem referir-se a outros campos como a literatura e a arte. Ela já aparece em duas cartas a Fliess datadas do ano de 1897 e 1898, e ganha expressão nas discussões da Sociedade Psicológica das Quartas-feiras, quando pela primeira vez se discute sua aplicação aos campos literário, artístico, histórico e mitológico (Roudinesco, 1998).

De fato, em 10 de outubro de 1906, Otto Rank apresentou uma conferência denominada “O drama do incesto e suas complicações”, que suscitou muitas críticas notadamente de Adolf Hautler sua aplicação na literatura acarretou a intervenção de Freud (Nunberg; Federn, 2008/2015, p. 64). Da leitura das Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena percebe-se que as discussões giravam em torno de apoiar ou não a aplicação dessa ciência.

Hitschmann, por exemplo, considerou o trabalho apenas “um prolongamento supérfluo do fato descoberto por Freud (Édipo)”, advertindo para o “o risco de tratar questões tão amplas sob o ponto de vista tão distanciado” (p. 55). Já Federn considerou “o trabalho importante e ficou impressionado com a ubiquidade das tendências incestuosas” (p. 55) Ao passo que Freud apesar de apontar uma série de falhas no trabalho considerou “simpática a comparação da cura de Orestes à cura psicanalítica” (p. 57)

De acordo com os editores da Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena, o trabalho de Rank será publicado em 1912 sob o título, *O motivo do incesto na poesia e nas lendas: fundamentos para uma psicologia da criação poética* e conhecerá ainda mais uma edição revisada, em 1926.

Foi então, apenas em 4 de dezembro de 1907, por conta de uma exposição de Graf, dedicava a Meyer, que provocou um confronto austero e a elaboração e uma carta magna feita por Graf onde ele critica a escola francesa de psicologia. Toda essa discussão, deu motivo para que Freud apoiasse Graf, pois, na ocasião, havia acabado de apresentar seu ensaio “O criador literário e

a fantasia” onde estabelecia uma relação entre o devaneio e o processo de produção literária (Roudinesco, 1998).

Dessa maneira, a psicanálise aplicada deu início aos exercícios de interpretações das obras e da vida do autor, interpretações psicanalíticas dos textos, interpretações da história com a ajuda da psicanálise. Como Freud considerava a psicanálise como ciência total, manifestou que gostaria de vê-la aplicada a religião, a arte, a história e não restringida ao campo médico e não ficar a serviço da psiquiatria, mas, estabelecer-se na ordem das ciências da natureza:

Em mais de uma ocasião, Freud fez questão de dar a esse objetivo legitimidade teórica, lembrando, sobretudo na trigésima quarta das Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, que, depois de compreender o alcance da psicanálise como “psicologia das profundezas”, ele fora levado a admitir que, na medida em que “nada daquilo em que os homens crêem ou que executam é compreensível sem o concurso da psicologia”, daí deviam “resultar espontaneamente aplicações da psicanálise a numerosos campos do saber, em particular aos das ciências do espírito, aplicações estas que se impunham e exigiam ser elaboradas. (Roudinesco, 1998, p. 607)

O primeiro trabalho de Freud que consistiu na aplicação de sua teoria a outros campos, foi o ensaio Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen, monografia de uma psicologia aplicada, publicado em 1908. Ele deu origem a revista Imago, que foi inteiramente dedicada aos trabalhos da psicanálise aplicada e não médica e à qual Freud dedicaria muita energia e recursos, segundo Roudinesco (1998). Nela foi publicado, suas primeiras versões de Totem e Tabu e o seu estudo de O Moisés de Michelangelo. Mesmo assim, havia da parte de Freud, hesitações quanto a validade da psicanálise aplicada. Segundo Roudinesco (1998), “A ambivalência freudiana a respeito da psicanálise aplicada refletiu-se tanto nas contribuições do próprio Freud quanto nas reações contrastantes que esse campo tem despertado na comunidade psicanalítica”. (p. 607). Em todos os seus trabalhos considerados da psicanálise aplicada, seu objetivo era puramente teórico e nem tanto mantê-los apenas no que se diz respeito a psicanálise aplicada.

Roudinesco assinala que, ainda hoje, a psicanálise aplicada é objeto de julgamentos contrastantes. Ernest Jones e Peter Gay - neuropsiquiatra e historiador respectivamente, mas ambos biógrafos de Freud - nomeiam alguns trabalhos de Freud como sendo de psicanálise aplicada. No entanto, assinala a autora, “psicanálise aplicada na comunidade psicanalítica francesa é rejeitada e duas são as maiores explicações: os ensaios de psicanálise aplicada fazem perder a sua respeitabilidade e a outra, defendida por Lacan, afirma que a psicanálise só se aplica como tratamento a sujeitos que falam e ouvem que podem ser participantes de uma análise, contrário ao pensamento de Freud.

Já no que se refere o trabalho, vejo a interlocução da psicanálise com a educação como fundamental para a minha formação tanto pessoal quanto profissional. Dessa forma, esta pesquisa tem o objetivo de estabelecer a relação da psicanálise com a educação especificamente, tratar da relação de transferência, recorrendo a autores consagrados, tanto no contexto clássico como nos conceitos contemporâneos, além de ser obviamente os trabalhos de Sigmund Freud a matriz dos pensamentos.

Estudar a disciplina, fontes da Teoria freudiana, no curso de Teoria Psicanalítica me despertou grande interesse em compreender as origens da prática de psicanálise na educação, além do escolanovismo brasileiro e seus principais representantes no Brasil, estudados no curso de pedagogia na disciplina de história da educação. Esta aliança, trouxe-me inquietações e as conversas apoiadas em discussões com os professores ao longo do curso, me fizeram direcionar minha atenção especificamente para a escola e os conceitos psicanalíticos e querer pesquisá-los. Em sala de aula, indagações a respeito dessa relação professor-aluno, me levou a refletir e suscitar, por meio de uma experiência de uma transferência, conceito freudiano, que chamamos de hostil. Mas, como ela se manifesta na sala de aula? De onde surge tanta agressividade por parte do educando? Essas foram questões que deram uma direção a minha pesquisa.

Tendo por objetivo compreender o processo de transferência na relação professor aluno a partir de pressupostos freudianos este trabalho buscará refletir sobre possíveis manejos da transferência na relação professor aluno.

O primeiro capítulo intitulado Pensando a Psicanálise na Educação, tem como referência o pensamento social do século XX, diante das construções históricas de um Brasil para o futuro, um movimento reformista e higienista que busca na educação os moldes para uma sociedade de mudança e evolução e encontra, nesse sentido, respaldo na teoria freudiana. Pautados em Oliveira (2005), Abrão (2001) e Lins (2009), pudemos situar as particularidades que constituíram a psicanálise no Brasil, pela via da educação. No segundo capítulo, Freud e a educação, o principal motor de nossas discussões foram as obras Freudianas, onde buscamos resgatar os principais posicionamentos de Freud sobre o educar. Para esse estudo nos pautamos em Kupfer (1997) e Cifalli (1998).

Já no terceiro capítulo, Freud e as Transferências, partindo da experiência com alunos, procuramos dar sentido as nossas inquietações sobre esse fenômeno transferencial a partir dos escritos de Freud e de comentadores dessa obra como Kupfer (1997), Cifalli (1998) e Cesário¹.

Assim, observamos que, sem sombra de dúvida, os elementos trabalhados nesse estudo, ajudaram a refletir sobre a minha prática e manejar minha relação com o aluno.

¹ Cesário. RESISTÊNCIA: UM OBSTÁCULO NO CAMINHO DA PSICANÁLISE? Disponível em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Trabalhos/11.pdf>. Acesso em: 24/10/2016

2.0 PENSANDO A PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO

A educação no Brasil - que na sua origem – tem como uma de suas funções o papel protagonista pela transformação de indivíduos, sempre esteve em debate, dentro de uma estrutura consolidada, e assim foi instrumento de reflexão de profissionais e pesquisadores e até por aqueles que não são da área de atuação. Sendo assim, educadores e educandos foram levados por pensamentos que perpetuaram no decorrer do tempo na esfera educacional e que, no transcorrer da história da educação, além da proposta de educar, esses pensamentos já tiveram em seu cerne, o papel de “resolver os problemas de escolaridade dos alunos e viabilizar o desenvolvimento mental saudável da criança”. (Abrão, 2001, p.111). Em meados dos últimos anos da década de 1920 até meados da década de 1930, desenvolveram-se especificamente no Brasil, produções psicanalíticas sobre a infância, afirma Abrão, (2001).

Essas produções imbricaram-se em meio a chegada da teoria freudiana no Brasil e a efervescência pela qual se encontravam todos os grupos sociais e categorias, na ideia de mudança e evolução. Apenas ao chegar ao conhecimento dos intelectuais brasileiros que, nesse período, estavam repensando na educação no contexto geral e num contexto particular, como educar crianças, o pensamento freudiano começa a ganhar espaço e cai nas graças destes, e de todos os que pensam algumas questões da sexualidade infantil. Personalidades como Deodato de Moraes² e Porto-Carrero lançaram o debate no Rio de Janeiro em 1928, com uma conferência intitulada, Curso de Psycanalyse aplicada à educação, destinadas a educadores, professores e mães desejosas por aprender como educar seus filhos, acentua Oliveira (2005).

Em um cenário de transformações social, política e econômica que marcavam o país na busca da modernização, essas discussões além do higienizar e do educar também visavam refletir sobre construção da identidade

² Publicou em 1927 o livro: “A psychanalyse na educação”

dessa jovem nação.³ Lins (2009) classifica a preocupação da identidade brasileira nesse momento:

A elite intelectual e científica brasileira, estava preocupada com a constituição da identidade nacional e, contraditoriamente, valiam-se das teorias importadas da Europa – como as teses raciais e higienistas – para dar explicações sobre o povo e os acontecimentos nacionais - num período de incertezas e de grande efervescência cultural. (p.23).

A cidade de São Paulo passava por um momento bem turbulento no início do século XX. De acordo com Oliveira (2005), a primeira década havia sido marcada por acontecimentos que os paulistas gostariam de esquecer. Epidemias que mostravam a calamidade da saúde pública, movimentos de manifestações de operários, além de um inverno muito rigoroso e ainda o desespero, pois, a perda do meio de principal de produção, o café, onde gafanhotos haviam invadido a colheita trazendo prejuízo. Oliveira (2005), relata que as chuvas torrenciais nesse período causaram grandes alagamentos dos rios Tietê e Tamanduateí, onde estavam concentradas as populações de operários.

Nesse interim, ganhava espaço, no plano cultural na cidade, a arte moderna brasileira, o que gerava grande furor aos extremos sendo, os que a rejeitavam e os que a amavam. A jovem pintora brasileira Anita Malfatti, ganhava espaço em uma exposição e com ela adjetivos: “paranoica e mistificadora” e por outros “exaltada”, pois continha em suas obras o que seria o movimento futurista:

A realidade, vários desses acontecimentos, entre os quais, alguns tiveram efetivamente dimensões devastadoras, tomavam por vezes, feições traumáticas e eram reveladoras do processo de urbanização acelerado e violento que a cidade sofria. Isso porque este antigo vilarejo, fundado em 1554 por jesuítas e nomeado São Paulo, ficou estagnado até a segunda metade do século XVII. (Oliveira, 2005, p. 51)

³ Disponível em:

http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/289.%20mulher,%20educa%C7%C3o%20e%20psicologia.pdf. Acesso: 24/10 de 2016.

A psicanálise, apesar de ter sido trazida ao país, por médicos psiquiatras, para ser utilizada como técnica de tratamento da histeria, não ganhou a adesão esperada, por parte dos médicos psiquiatras e na década seguinte deslocou-se para o universo infantil acentua Oliveira, (2009). Sendo assim, educadores reformistas encontram, na psicanálise, espaço para repensar algumas questões a respeito da infância e os intelectuais analistas, encontram solene meio de difundir a psicanálise.

Desse modo, a partir da temática do “pansexualismo”, nome tão pejorativo dado na Europa a teoria freudiana, após a publicação dos Três Ensaio, no Brasil, teve um outro sentido, aponta Oliveira (2009). Foi lançado aos leitores brasileiros pelo psiquiatra Franco da Rocha, que já havia experimentado um pouco da técnica psicanalítica com os internos do hospício Juquery, *O pansexualismo na Doutrina de Freud, 1920*, escrito para apresentar os principais conceitos freudianos e mostrar toda a originalidade dessa teoria.

Portanto, assinala Oliveira, (2009) foi sob uma ótica positiva do pansexualismo que a psicanálise despertou curiosidade e trouxe os primeiros adeptos. Discípulo de Franco da Rocha, como Durval Marcondes, foram nomes de destaque, juntamente com outros médicos, artistas e educadores como Deodato de Moraes, que se debruçaram sobre a psicanálise e na missão de divulgá-la.

Além de reconhecerem a total importância da disciplina, no que se diz respeito a prevenção de uma psicose infantil, compreender o desenvolvimento da sexualidade, acreditavam que abriria uma gama de novas possibilidades para pensar a educação das crianças. (Oliveira, 2009)

A leitura da obra freudiana no alemão era quase que obrigatória, mas, também liam em espanhol e não se limitavam apenas a Freud. Dentro suas leituras estavam, Jung, Ferenczi, Abraham, Aichhorn, Oskar Pfeister, Melanie Klein, Anna Freud, Sabina Spielrein, Hug-Hellmuth, Helene Deutsch, entre tantas outras (Oliveira, 2009).

2.1 No Brasil a inserção da psicanálise na educação

Na data de 1927, a fundação da Sociedade de Psicanálise no Brasil, em São Paulo, organizada por Durval Marcondes afim de divulgar a psicanálise que ainda não havia chegado ao conhecimento da população brasileira, classifica Lins, (2009), este, precursor da ligação psicanálise no Brasil e na educação. Estava em jogo nesses encontros a divulgação da psicanálise, e a educação, seria o *locus* onde as teorias freudianas encontrariam eco (Lins, 2009).

Dessa forma, o que realmente aproximou nossos educadores tão próximos a psicanálise foi o fato de destacarem nela um caráter civilizatório em consonância com o discurso brasileiro de higienizar o país e assim trazer para moldes europeus de vida o comportamento social. De acordo com Oliveira (2009), para muitos dos adeptos da doutrina justificavam-se assim os investimentos dessas teorias na infância.

Sob essa perspectiva de difusão e de conquista de adeptos, diversas iniciativas foram lançadas na segunda metade dos anos 20, com o objetivo de atrair pais e educadores para a causa psicanalítica. Além da criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise, em novembro de 1927, seguida de uma sessão carioca, em junho de 1928, e de um Curso de Psicanálise Aplicado à Educação, foram organizados debates, palestras, seminários, conferências, em muitas capitais do país, além de entrevistas em rádio e jornais de grande circulação, culminando em diversas publicações (p. 3)

Esses investimentos começaram a dar fruto a partir da década de 1930, no período denominado Segunda República, (1930 – 1937), principalmente pela valorização da esfera educacional. No entanto, devemos ressaltar que a parceria dos educadores com a psicanálise, não foi tão tranquila assim. A psicanálise trazia assuntos polêmicos sobre a sexualidade das crianças e produziu reações tanto dos grupos conservadores, quanto progressistas (Lins, 2009).

Vale lembrar que nessa época na esfera educacional duas vertentes disputavam projetos pedagógicos, de um lado, estavam os intelectuais liberais, socialistas e comunistas agrupados em torno do movimento escolanovista, que por meio de uma nova filosofia educacional estavam propondo um projeto de

reforma e interessados as teorias freudianas, afirma Abrão, (2001). De outro, os católicos e conservadores a favor do conservadorismo educacional. Essa divisão deu origem a uma conferência Nacional de Educação onde foram apresentadas diretrizes para a educação nacional, que ficou conhecido como Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Esta ciência, tornou-se então, disciplina obrigatória para educadores. No entanto, todas estas estratégias de difusão da psicanálise, custaram posteriormente, afirma Oliveira (2009, no prelo) mais dissabores do que benefícios, pois, volta a ser acusada de perigosa e perniciosa.

O interessante, é que a condenação da teoria freudiana, até então aclamada, tornou-se, por parte dos pedagogos progressistas, inclusive aqueles que haviam apoiado e simpatizado com a teoria, quanto dos setores mais conservadores ligados à Igreja Católica, que desde os primórdios fez sérias acusações a teoria de Sigmund Freud.

Desse modo, inevitavelmente o movimento freudiano começa a recuar, e educadores manifestam-se resistentes a doutrina. Afirma Oliveira (2009) que devemos considerar que a desarticulação dos grupos criados e o fracasso dessa estratégia deve ser entendido por meio do olhar ao cenário político brasileiro: Golpe de Estado de 1930, sendo assim, pensamento autoritário no país, que era calcado em valores morais e ultraconservadores. Portanto, há um esvaziamento da problemática sexual classifica Oliveira (2009), e entra em jogo a noção de enfermidade psíquica, numa leitura mais médica que não infere o abandono da ênfase a temática sexual.

Como dissemos acima, a década de 30 foi marcada por um grande “entusiasmo pela educação”. Diversos intelectuais, educadores, médicos, escritores, assim como os governantes estavam convencidos de que o país não poderia alcançar o progresso sem a erradicação do analfabetismo, sendo assim, sem estabelecer prioridade nas reformas educacionais. O futuro das crianças estava a cargo da educação, afirma Lins (2009). Apenas por meio desta, os males da sociedade da época poderiam ser erradicados desde sua raiz:

Enquanto os modernistas valorizavam a identidade do povo brasileiro, os higienistas identificavam a raça brasileira como inferior, e foi essa ideia de inferioridade que trouxe para o discurso médico a concepção que seriam

necessárias, medidas profiláticas – serem desenvolvidas por ações educativas – que pudessem propiciar que a população brasileira, evoluísse e deixasse de ser ignorante e atrasada em relação à Europa. A missão da classe média, portanto, era de desenvolver um programa de educação sexual para a procriação de uma geração de brasileiros sadios. (Lins, p. 28).

Com a nova filosofia educacional que vinha sendo introduzida no país, primeiro no Rio de Janeiro, depois em São Paulo, os órgãos governamentais responsáveis pela educação na época, criaram a Seção de Higiene Mental Escolar, que implantou as Clínicas de Orientação Infantil, dando espaço para a difusão da psicanálise, juntamente apoiada na nova concepção de criança que trazia o movimento progressista, a Escola Nova em oposição ao movimento tradicional. (Lins, p. 113). A criança neste movimento ganha destaque e é vista como um ser que ainda está em desenvolvimento e diferencia-se do adulto:

Neste sentido, torna-se vital compreender as características da criança para melhor gerir sua educação. Temos, com isto, um espaço bastante fecundo para a introdução da psicologia no meio educacional, (...). É por essa mesma brecha que a psicanálise encontrará espaço para se difundir dentro da educação, auxiliando tanto na compreensão do desenvolvimento emocional da criança, quanto na resolução das dificuldades escolares que impedem a expressão de suas potencialidades individuais. (Lins, 2009, p. 112, 113).

A psicanálise produzia conhecimentos teóricos sobre as crianças e estes foram empregados nesse período por meio da proposta de higiene mental escolar. Não era a única fonte de inspiração que orientava o trabalho de Arthur Ramos (no Rio de Janeiro) e Durval Marcondes (em São Paulo), mas sua importância no atendimento com as crianças é colocada em destaque, afirma Abraão:

O decreto que institui a seção de Higiene Mental Escolar em São Paulo, ao definir o quadro de pessoal, pressupunha a contratação de dois médicos, “psicoanalistas”. Devemos nos indagar, entretanto, qual o sentido

da expressão “psico-analista” neste momento histórico. Ao que tudo indica, esta expressão, empregada no texto da legislação, foi utilizada em substituição ao termo psiquiatra, o que demonstra a influência da psicanálise desde a criação deste serviço. (2001, p.115)

Ao longo da estruturação de todo esse trabalho a psicanálise assumiu um papel de tamanha importância que influenciou na estruturação dos cargos dentro do proposto nessa seção de Higiene Mental Escolar. Mas, pensemos um pouco sobre como se estruturou essa seção em São Paulo. Criada em 1938, dia 28 de dezembro com mais exatidão, por força do decreto 9.872 conforme nos relata Abrão, (2001). No dia seguinte a sua criação a seção de Higiene Mental Escolar as atividades já haviam sido iniciadas por meio da estruturação do atendimento das crianças matriculadas na Clínica de Orientação Infantil (Abrão, 2001). A respeito da visão da psicanálise nestas instituições:

Assim, pode-se dizer que, ainda que tomando a psicanálise como uma concepção “puramente psicológica”, em oposição à ideia de anomalia ou de lesão física herdeira da psiquiatria organicista, ela não representou uma ruptura com o modelo médico. Ao contrário, as implicações, tanto biológicas quanto psicológicas, que delimitavam os campos de intervenção de cada disciplina, se encontravam ligadas por um mesmo discurso de verdade e um olhar sobre a etiologia social das doenças mentais, que era o da medicina social na sua vertente preventiva e profilática. (Oliveira, 2009)

Essa clínica era estruturada com os seguintes profissionais: médico psiquiatra, médico internista, visitadora psiquiátrica e psicologista. A cada um deles era atribuída uma função específica, no entanto, integrada. Os impedimentos físicos com relação ao desempenho educacional das crianças ganham um valor secundário e assim, este trabalho, não apenas tratava das crianças que precisavam de um apoio nesse sentido, mas, era também de cunho preventivo aos possíveis distúrbios vindouros da infância segunda concepção dada as leituras da obra freudiana.

Assim, afirma Oliveira (2009) todas estas proposições, estavam ancoradas na convergência da psiquiatria e da psicologia como um método que

prevenia as anomalias sociais. Esse traço da prática pedagógica permanece até a década de 60, quando outra forma de pensar e praticar a psicanálise se instala, tendo como base o pensamento de Melanie Klein e posteriormente o de Jacques Lacan.

Sendo assim, após uma breve explanada no contexto histórico a despeito das implicações dadas a vinda das teorias de Freud ao Brasil e a sua tentativa de expansão no cerne educacional, em meio a um período tão turbulento, com tantos fatores que implicavam em mudanças, há uma reflexão a ser feita. Qual seria então, as palavras de Sigmund Freud, a respeito da educação? Em seus escritos, teria ele se proposto a falar sobre a prática educacional?

3.0 FREUD E A EDUCAÇÃO

Até onde sabemos, Freud nunca se dedicou, exclusivamente, a este tema. Médico neurologista, teve sua atenção inicial voltada para as histéricas, procurando não apenas eliminar seus sintomas, mas, analisar suas origens (Kupfer, 1997). Porém, em suas pesquisas iniciais fez afirmações sobre a educação que de alguma forma, corroboraram para o estado clínico que se encontravam suas pacientes.

Sendo a vida sexual conteúdo para a formação dos traumas, antes de conceituar a recalque, Freud, ao longo de seus trabalhos, percebe que as ideias julgadas insuportáveis pelo eu, são quase sempre de natureza sexual. Mas, o que haveria de tão insuportável na sexualidade? “Ao que tudo indica, é a moral transmitida pela educação, que incute no indivíduo as noções de pecado e de vergonha que ele deve, necessariamente, ter diante das práticas sexuais”. (Kupfer, p.36). Nessa época, Freud ligava a doença nervosa à moralidade, onde a educação corroborava, imputando no indivíduo uma prática social embutida pela moral vitoriana de seu tempo. Nesse sentido, era fácil evitar o aparecimento da doença por meio da educação, recomendando uma redução da severidade imposta pelos educadores. (Kupfer, 1997). Em tese, podemos afirmar, que as palavras de Freud, colocam os pedagogos e educadores em posições diferentes em determinados momentos de sua teoria:

Durante a vida de Freud e entre seus sucessores, o interesse dedicado pela psicanálise aos problemas da educação assumiu formas muito diversificadas, em função dos desenvolvimentos da doutrina e também por influência do contexto social em que sua intervenção foi efetivamente convocada a se exercer. (Chemouni, apud, Kauffman, 1996, p.623)

Dessa maneira, tratemos das divergentes opiniões de Freud a respeito da educação, ao longo de seus textos publicados.

No trabalho intitulado, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), fundamental para pensar a sexualidade, ao tratar das inibições sexuais, Freud alude as forças anímicas que surgem no período de latência e que aparecerão como barreiras frente às pulsões sexuais, ao impulso sexual humano. Essas

barreiras, as quais ele chama de “diques” são construídos na infância e, acabam por estreitar o curso. Salienta o quanto a educação está relacionada à construção desses diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais). Para ele a educação fica encarregada a seguir o que lhe foi fixado, de maneira mais profunda e polida. (p.167). Há um ideal educativo criado pelos educadores, no entanto, cada um de nós acabamos por se afastar desse ideal em algum ponto. Destaca-se a crítica de Freud a postura dos educadores em relação a sexualidade infantil.

Para Kupfer, (1997, p.44) o texto de 1905 traz uma constatação relevante “capital” ela diz, para pensar a relação com a educação, ao mostrar que a pulsão sexual pode ser decomposta em pulsões parciais. Exibicionismos, curiosidades dirigidas aos órgãos genitais de seus companheiros, manipulação de órgãos genitais, prazer de sucção, prazer ligado a defecação, entre outros, configuram uma polimorfa perversa da pulsão sexual. Como não possui qualquer fixação de instinto, ela pode enveredar para outros fins que não são sexuais. Essa derivação para um alvo não sexual, ele denomina sublimação. Partindo dessa reflexão de Freud, a autora salienta, que um educador psicanaliticamente orientado imaginaria procedimentos que pudessem oferecer à criança outras possibilidades (alvos não sexuais) ao praticarem atos chamados por Freud de perversos.

Para Cifali, (1999) a não ser que caia numa ilusão, nenhuma reforma educacional pode solucionar a insatisfação que causa a sexualidade humana. As barreiras que se constroem no período de latência obedecem uma evolução orgânica. O trabalho da educação é limitado (p. 27) aponta Cifali (1999). A educação deve apenas restringir-se a seguir o curso da evolução da civilização, que é organicamente limitada na opinião da autora que sustenta o vir a ser das crianças, como uma espécie de padrão, estereótipo de conduta (p.28). Quando a educação se opõe a essa limitação, é que ela se torna, mais ou menos perigosa. No entanto, usualmente, pais e educadores, se esquecem da importância das pulsões sexuais e agressiva nas crianças que acabam por reprimir todas. Nisso estão as dificuldades passíveis de causar uma doença neurótica. Cifali mostra também que Freud, em uma discussão na Sociedade de Viena nos dias 20 a 27 de abril de 1910, onde o assunto apresentado era a

questão do suicídio na escola, afirma que pais e educadores querem crianças modelo, que aceitem as normas e que lhe garantam a paz, sendo assexuadas e assépticas, e acabam agindo de maneira a desenraizar o prazer-desejo de viver (p. 28). Assim, a autora salienta que na opinião de Freud um “bom caminho” (p.29) para a educação, em vez de restringir, seria o de favorecer os processos em que essas energias são conduzidas.

Em *Cinco lições de psicanálise* (1909), Freud põe em debate, o peso da etiologia sexual em suas pesquisas e de sua importância decisiva assim como os efeitos da educação dos pais e também da escola na formação da criança, no desenvolvimento da sexualidade. Suas experiências apareceram em quantidades mais numerosas, e muitos de seus seguidores o acusaram de exagerar essa participação etiológica do fator sexual. Os povos civilizados, afirma Freud, utilizam um manto de mentira onde não podem manifestar seu erotismo.

Deixem-me prosseguir no relato das nossas contestações. Em outra série de casos o exame psicanalítico vem sem dúvida ligar os sintomas não a fatos sexuais senão a acontecimentos traumáticos comuns. Mas, por outra circunstância, esta diferenciação perde todo valor. O trabalho de análise necessário para o esclarecimento completo e cura definitiva de um caso mórbido não se detém nos episódios contemporâneos da doença; retrocede sempre, em qualquer hipótese, até a puberdade e a mais remota infância do doente, para só aí topar as impressões e acontecimentos determinantes da doença ulterior. Só os fatos da infância explicam a sensibilidade aos traumatismos futuros e só com o descobrimento desses restos de lembranças, quase regularmente olvidados, e com a volta deles à consciência, é que adquirimos o poder de afastar os sintomas. (Freud, 1909/1969, p. 53).

A maioria dos homens não quer saber da sexualidade infantil, afirma Freud, há um peso da educação e da civilização em fazer-nos esquecer a atividade sexual infantil:

O modo de proceder dos doentes em nada facilita o reconhecimento da justeza da tese a que estamos aludindo. Em vez de nos fornecerem prontamente informações sobre a sua vida sexual, procuram por todos

os meios ocultá-la. Em matéria sexual os homens são em geral insinceros. Não expõem a sua sexualidade francamente; saem recobertos de espesso manto, tecido de mentiras, para se resguardarem, como se reinasse um temporal terrível no mundo da sexualidade. E não deixam de ter razão; o sol e o ar em nosso mundo civilizado não são realmente favoráveis à atividade sexual. (Freud, 1909/1969, p. 52)

Na realidade, com suas investigações a respeito da sexualidade infantil, constata que há uma amnesia da parte dos adultos, que não se recordam de suas experiências infantis que apontam para a sexualidade:

É facilíma de explicar a razão por que a maioria dos homens, observadores médicos e outros, nada querem saber da vida sexual da criança. Sob o peso da educação e da civilização, esqueceram a atividade sexual infantil e não desejam agora lembrar aquilo que já estava reprimido. Se quisessem iniciar o exame pela auto-análise, com uma revisão e interpretação das próprias recordações infantis, haviam de chegar a convicção muito diferente. (Freud, 1909/1969, p. 54,55)

Dessa maneira, examina Freud as diferentes fases da sexualidade infantil que ele define como sendo a o autoerotismo, zonas erógenas, atividades masturbatórias, sadismo, masoquismo, prazer visual, perversões, distúrbios e toda a dinâmica de funcionamento da sexualidade infantil. E nesse momento, antes da puberdade, afirma o autor, a educação já aparece em oposição a esses os impulsos sexuais:

Já antes da puberdade, sob o influxo de educação, certos impulsos são submetidos a repressões extremamente enérgicas, ao mesmo passo que surgem forças mentais - o pejo, a repugnância, a moral - que como sentinelas mantêm as aludidas repressões. Chegando na puberdade a maré das necessidades sexuais, encontra nas mencionadas reações psíquicas diques de resistência que lhe conduzem a corrente pelos caminhos chamados normais e lhe impedem reviver os impulsos reprimidos. (Freud, 1909/1969, p. 56)

Assim define Freud, o tratamento psicanalítico num papel educativo - e o define como um simples aperfeiçoamento educativo – está destinado a vencer

os resíduos infantis, específico de cada analisando. A ideia que Kupfer, nos traz a respeito dessas definições freudiana de educação é que, nesse momento, Freud está respaldado no peso da educação enquanto transmissora de uma moralidade que imprime as crianças noções de pecado e de vergonha (Kupfer, 1997).

Na década de 1910, no prefácio ao livro de Pfister, (1913), Freud recorre ao uso dos métodos hipnóticos no sentido de proporcionar à educação a eliminação dos defeitos infantis referindo-se a hábitos corporais que não são convenientes e traços de caráter que resistem a outros tratamentos. Ele parte da ideia de que sintomas patológicos ruins são constituídos na infância e na juventude, enquanto o ser humano está em processo de educação. Ele afirma que há uma relação entre educação e terapia:

A educação cuida para que certas disposições e tendências da criança não produzam nada que seja nocivo para o indivíduo e a sociedade. A terapia entra em ação quando essas disposições já resultaram em indesejáveis sintomas patológicos. (Freud, 1913/2014, p. 260)

A educação prepara a criança e o jovem para que vivam em sociedade e não produzam nada nocivo. A terapia se impõe quando os sintomas patológicos já estão em evidência. Ou seja, a educação é uma profilaxia que deve evitar a neurose e a perversão, e recomenda a terapia como uns pós educação que procura desfazer o que há de mais frágil nos. (Freud, 1913/1969, p.260)

Deve então o educador perceber as inclinações da infância que ameacem e agir profilaticamente antes que apareçam os sinais de um desenvolvimento desfavorável. Questiona-se também se o exercício da psicanálise por parte do educador não exigiria um treino médico, no entanto, não vê tais obstáculos. Orienta os educadores a se familiarizarem aos termos psiquiátricos, aponta para os cuidados que devem ter quando um prognóstico parecer duvidoso. Somente a relação com um médico poderá conduzir o educador ao êxito. Os educadores ficam em posições diferentes das dos médicos e devem atentar-se para não formar uma psique de acordo com os ideais próprios. Finaliza o texto, desejando que a psicanálise empregada na educação cumpra a sua missão, as esperanças

que os educadores e médicos colocam nela. (Freud, 1913/1969 p. 259- 261). Essas diretrizes, vão inspirar alguns discípulos a desenvolver um campo de aplicação da psicanálise à educação, cabendo destacar o trabalho pioneiro de Aichhrn.

August Aichhorn, foi um psicanalista austríaco nascido em Viena. Segundo Roudinesco (1998), ele era filho de um banqueiro cristão e socialista. Inicialmente estudou construção mecânica, mas, abandonou e dedicou-se a a pedagogia e ser professor primário, especializando-se em problemas de delinquência infantil e juvenil, como Inspetor do Serviço da Juventude, em Viena, entre 1918 e 1920, ele acolhe cerca de 3000 crianças de origem modesta, órfãos e abandonados da 1ª Guerra mundial. Dessa experiência, juntamente com Anna Freud, em seguida eles desenvolvem uma prática original com crianças e adolescentes em instituição educativa. “Personagem não-conformista, diz a autora “corpulento, sempre vestido de preto, uma piteira nos lábios”, tinha grande respeito por Freud (Roudinesco, 1998, p. 23). Em seu livro, *Juventude abandonada*, publicado em 1925, ele defendeu a utilização da técnica psicanalítica pelos educadores, sob o pressuposto de que estes poderiam se tornar pais substitutos.

No prefácio assinado por Freud, este ressalta que em se tratando de psicanálise aplicada, nenhuma outra atraiu e despertou tanto interesse dos colaboradores quanto a educação. A psicanálise iniciou seus estudos com os neuróticos, no entanto, as crianças tomaram seu principal espaço de estudos e isso atraiu muitos educadores, afirma Freud, a criança se tonou o objeto principal da pesquisa em psicanálise, que lançou um olhar sobre a criança, ressaltando-lhe as fases em que caminhará até chegar a maturidade e despertou olhares sobre ela ainda não advindos de outras correntes. Dessa forma, a educação que para Freud tem o cuidado de proteger a criança e orientar, viu um interesse na teoria psicanalítica. A experiência e o sucesso de Aichhorn na sua tarefa com crianças, para Freud, mostram-nos duas grandes lições: devem as pessoas que trabalham com crianças como as de Aichhorn devem receber uma formação psicanalítica. A outra é de que o trabalho com crianças não pode ser substituído pela influência psicanalítica:

A psicanálise pode ser convocada pela educação como meio auxiliar de lidar com uma criança, porém não constitui um substituto apropriado para a educação. Tal substituição não só é impossível em fundamentos práticos, como também deve ser desaconselhada por razões teóricas. (Freud, 1925/1969, p. 308)

Ao comentar esse prefácio, Cifali (1999) afirma que no que se refere ao desenvolvimento infantil, a psicanálise trouxe a luz, os desejos, a formação do inconsciente, a sexualidade, (p.52). Isso não o impede de considerar que educar é uma profissão impossível, apesar do valor social daqueles que desempenham essa função. Afirma ainda que todos os educadores devem receber uma formação psicanalítica e se submeter a análise:

Não devemos presumir que esse dom de compreensão intuitiva seja encontrado em todos aqueles que se interessaram pela educação de crianças. Segundo me parece, duas lições se pode derivar da experiência e do sucesso de August Aichhorn. Uma é que toda pessoa desse tipo deveria receber uma formação psicanalítica, de vez que sem esta as crianças, o objeto de seus esforços, permanecerão sendo um problema inacessível para ela. Uma formação desse gênero é mais bem executada se a própria pessoa se submete a uma análise e a experimenta em si mesma; a instrução teórica na análise fracassa em penetrar bastante fundo e não traz convicção. (Freud, 1925/1969, p. 307)

Nesse sentido, reforça Freud que, a psicanálise pode ser uma grande aliada a educação quando evocada, no entanto, não pode substituí-la (p. 308).

Em *Novas conferências introdutórias* (1932-1936/1969), Freud, retoma o tema salientando que não entende muito desse assunto, apesar de considerá-lo de extrema importância.

Cabe dizer aqui que nesse momento, a clínica com crianças que desde o início dos anos 20 vinha sendo praticada e teorizada por Melanie Klein e Anna Freud, já era objeto de divergências profundas. Enquanto a segunda sustentava que a criança não poderia ser analisada por não possuir um ego maduro, sustentado uma prática educativa; a primeira não só questionava a datação do

édipo, como lançava a hipótese de uma exploração do psiquismo desde o nascimento.

Já Freud, embora defendendo as posições de sua filha, não fez nenhuma tentativa de definir o que seria práxis educativa, como afirma Cifali (p. 30). Ele preferiu manifestar sua incompetência no assunto e assim permitir aos educadores esse trabalho:

Se considerarmos agora os difíceis problemas com que se defronta o educador – como ele tem de reconhecer a individualidade constitucional da criança, de inferir, a partir de pequenos indícios, o que é que está se passando na mente imatura desta, de dar-lhe a quantidade exata de amor e, ao mesmo tempo, manter um grau eficaz de autoridade -, haveremos de dizer a nós mesmos que a única preparação adequada para a profissão de educador é uma sólida formação psicanalítica. (Freud,1932/1969, p. 147,148)

Freud afirma ter visitado a infância de seus pacientes quando estabelecia a sequência dos fatores determinantes dos seus sintomas, aliás, ao voltar suas investigações para o início da infância aprendeu muito sobre esses anos do primeiro surgimento da sexualidade.

O fundador da psicanálise ainda chama a atenção para as dificuldades da infância, no sentido de mostrar-nos quantas coisas uma criança tem de assimilar. E nesse sentido, muitas coisas precisam ser impostas pela educação, ressalta, e por isso, muitas delas passam por estados que podem ser comparados a neuroses. Freud ainda no sentido profilático da análise infantil, que seria interessante encaminhar a criança a análise no sentido de salvaguardar sua saúde.

O papel primordial da educação é fazer com que a criança aprenda a controlar os seus instintos. A educação deve proibir, inibir e suprimir, no entanto, afirma ele, isso pode influenciar o desenvolvimento da doença neurótica. Freud acredita que os educadores devem encontrar o ponto certo de para que não causem tantos danos. Fala até de método educacional, não deve ser igual a todos os alunos, decidindo, o quanto proibi, hora e meios:

A criança deve aprender a controlar seus instintos. É impossível conceder-lhe liberdade de pôr em prática todos os seus impulsos sem restrição. Fazê-lo seria um experimento muito instrutivo para os psicólogos de crianças; mas a vida seria impossível para os pais, e as próprias crianças sofreriam grave prejuízo, que se exteriorizaria, em parte, imediatamente, e, em parte, nos anos subseqüentes. (Freud, 1932/1969, p. 147)

Uma formação psicanalítica sólida, salienta Freud e sem dúvida a análise do educador, teriam mais eficácia na contribuição da psicanálise para a educação, do que a análise da criança.

Freud ainda critica a educação de modo geral, afirmando que ela é tendenciosa e que se esforça para alinhar as crianças afim de que obedecem a ordem vigente. No entanto, a educação psicanalítica deve abster-se disso. É uma educação mais elevada, afirma ele, no entanto, não é competência da análise decidir. Elevar a educação psicanalítica a superioridade, acaba também por ser tendenciosa e tornará seus discípulos educadores rebeldes. O objetivo dessa junção é torná-los sadios e eficientes. (Freud, 1932). Nem tão pouco, salienta, são desejadas além dos discípulos as crianças revolucionárias. Cifali (1999) chama a atenção para esta questão declarando que a educação psicanalítica garanta fatores revolucionários que não venham a cerrar fileiras:

Eis os “fatores revolucionários” de uma “educação psicanalítica”: acolher a criança com a realidade de suas pulsões, de sua angústia, de seus questionamentos, de seu desejo, sem lhe contar histórias, sem reprimir sua inteligência, sem pretender moderá-la. Disso advém a possibilidade de Freud pensar que a criança educada dessa maneira “não venha a cerrar fileiras, em sua vida futura, ao lado da reação e da repressão”. A educação psicanalítica efetua de alguma maneira uma revolução potencial, em vez de acabada: ela prepara a independência do sujeito com relação às figuras autoritárias que promovem a servidão voluntária. (Cifali, 1999, p. 45)

Há efeitos nefastos de uma educação fundada no desconhecimento de um psiquismo infantil, assim como o educador desconhecer seu próprio psiquismo. Freud então reconhece, assinala Cifali, que há uma importância profilática da psicanálise para a educação:

Desenvolve-se assim uma história entre a psicanálise e a educação, história dotada de particular complexidade, que os termos “educação psicanalítica” e “psicanálise aplicada a educação” etc. vão apenas designar. A questão crucial, a que Freud jamais dará uma resposta, permanece sendo: que instrumentos teóricos, que dispositivos, na classe, vão sustentar a essa “aplicação”. (CIFALI, 1999, p. 32)

Em meio aos diferentes posicionamentos sobre a educação, Kupfer recorre à afirmação de Freud, sobre a impossibilidade dessa prática para afirmar que: “Impossível não é sinônimo de irrealizável, mas indica principalmente a ideia de algo que não pode jamais integralmente [ser] alcançado: o domínio, a direção e o controle que estão na base de qualquer sistema pedagógico”. (1997, p. 59)

Segundo essa autora, a educação exerce seu poder por meio da palavra, estimulando pelo discurso dirigido a consciência os indivíduos a se conduzirem a uma direção, por ela própria determinada, assim, é da palavra que a disciplina extrai seu poder de convencer e submeter. O que acontece é que a realidade do inconsciente ensina que a palavra, escapa aquele que fala e é do falar, que se originam as bases educacionais de direcionamento e solidez de uma educação e pode ser ambivalente: de fraqueza de força, de controle e descontrole, de poder e submissão, se por ventura o educador se perder, a se revelar, ir na direção contrária que seu eu havia determinado. Sendo assim, questiona-se, como seria a base para qualquer sistema pedagógico? (p.59). A autora conclui que a psicanálise não pode servir para fundamentar nenhuma pedagogia, ou seja, como princípio organizador de um sistema educacional e questiona-se se há um modo da psicanálise contribuir para um educador, salientando que depois da morte de Freud, muitos teóricos e educadores se lançaram nessa tarefa e em boa parte das vezes fracassaram, contudo, salienta, não devemos perder as esperanças.

Cifali (1999) mostra-nos que os educadores psicanalistas vão recorrer a teoria freudiana a partir daquilo que mais lhes interessa, através do dispositivo da transferência assim como através do conceito de ideal de ego. Seguindo essa leitura iremos analisar, nos limites dessa monografia a problemática da transferência.

4.0 FREUD E AS TRANSFERÊNCIAS

Nenhuma das aplicações da psicanálise excitou tanto interesse e despertou tantas esperanças, e nenhuma, por conseguinte, atraiu tantos colaboradores capazes, quanto seu emprego na teoria e prática da educação. É fácil compreender por que, de vez que as crianças se tornaram o tema principal da pesquisa psicanalítica e substituíram, assim, em importância, os neuróticos com os quais ela iniciou seus estudos (Freud, 1925/1969, p.307)

Neste capítulo, a proposta é pensar a transferência. Conceito criado em meio a observações clínicas na relação médico paciente, mas, que é também reeditada na figura do professor, pois, permeia as relações humanas. Na educação, esse conceito, mostra realidades importantes no interior do ato de educar.

As indagações a respeito da relação professor aluno, foram despertadas pelas vivências em sala de aula enquanto educadora e em particular pela experiência de uma transferência hostil. Haveria alguma questão ali, diante daquele aluno, que me permitia uma certa inquietude e me fazia querer compreender uma demanda de agressividade, que na dinâmica de nossa relação, se exteriorizava em tapas sem explicação, nem sempre simbólicos, por vezes literalmente tapas e frases que soavam a todo momento, “Não gosto mais de você!”, “Sua Feia!”. O que seria o disparador, ou o que estaria por trás dessa fala? O que este aluno estava tentando me dizer? A todo momento verbalizava sua repulsa sobre mim, não queria estar ali e sim em outra escola. Apresentava uma brincadeira repetitiva e sem extensão. Buscava nas tesouras utilizadas em sala de aula, representar o que sentia, recortava tudo o que via. Aliás, o que sentia? Quem poderia ouvi-lo, ou nomear seus sentimentos? Esses episódios tomaram conta de minhas reflexões e levaram-me a conjecturar, afinal, o que são transferências? Como se dão? Seriam elas capazes de me dar respostas frente as situações vividas?

Maria Cristina Kupfer (1997), nos mostra que a primeira vez que Freud usou a palavra transferência foi no trabalho *A interpretação dos sonhos*. Ele diz:

Alguns dias antes, eu havia explicado à paciente que as primeiras lembranças da infância “não se conseguiam mais como tais”, mas eram substituídas, na análise, por “transferências” e sonhos. Portanto, eu era o açougueiro, e ela estava rejeitando essas transferências de velhos hábitos de pensar e sentir para o presente. (Freud, 1900/1969, p.129)

Não é esta definição que buscamos, a de transferência de sentidos. Assim, por agora, procuraremos abarcar a transferência nas origens da psicanálise, o que Freud nos disse em seus escritos técnicos e que servirão de auxílio, para uma compreensão mais apurada da transferência.

É no Caso Dora, publicado em 1905 e no caminho percorrido por Freud, durante o tratamento de sua jovem paciente, que dialogamos a respeito da transferência, ainda não sistematizada por Freud, na relação paciente-analista, que só é percebida por Freud, em seu pós-escrito não datado:

O que são as transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico. (Freud, 1905/1969, p.111).

Freud nos mostra no decorrer do pós-escrito, ao tratar da teoria da técnica analítica, o quanto há uma peculiaridade na transferência, que a faz mais difícil no trabalho da análise. Interpretar os sonhos, extrair associações, lembranças inconscientes, são fáceis de aprender, de modo que o próprio paciente fornece o texto para elas. (p. 111). Freud qualifica a transferência como incontornável, como produtora de empecilhos que tornam o material inacessível para o tratamento. Assim, ele mostra a seus leitores que a transferência não aumenta o trabalho do analista, apesar de toda sua dinâmica de funcionamento, mas, que ela é carregada de uma especificidade que a faz ser revelada, não criada. Nesse movimento de reflexão e construção das suas ideias a respeito da transferência, ele já nos aponta para as transferências hostis, afirmando que todos os

movimentos do paciente são despertados, não apenas os ternos e afetuosos. Eis que Freud já nos esclarece a respeito da característica dual da transferência: o maior obstáculo, converte-se a maior aliada do analista:

Na psicanálise, por outro lado, de acordo com sua colocação diferenciada dos motivos, despertam-se todas as moções [do paciente], inclusive as hostis; mediante sua conscientização elas são aproveitadas para fins de análise, e com isso a transferência é repetidamente aniquilada. A transferência, destinada a constituir o maior obstáculo à psicanálise, converte-se em sua mais poderosa aliada quando se consegue detectá-la a cada surgimento e traduzi-la para o paciente. (Freud, 1905/1969, p. 112)

Freud afirma não ter conseguido dominar a transferência em tempo adequado. Ele substituiu o pai nas fantasias da jovem Dora. Não se precaveu para que Dora tivesse voltado sua atenção para algum detalhe do relacionamento deles. Ele diz que se fez surdo para os sinais de Dora, então, ela se vingou de Freud como queria se vingar do senhor K, abandonou Freud como acreditava ter sido abandonada e enganada pelo senhor K. e já havia manifestado no segundo sonho sua vingança transferencial “Quando as transferências se deixam abarcar precocemente na análise, o curso desta é opacificado e retardado, mas sua existência fica mais assegurada contra as resistências repentinas e insuperáveis”. (p. 74) Para Lagache (1990) esses textos de Freud, tem duas coisas a nos mostrar: desde essa época, Freud possuiu ideias essenciais no que se refere ao conceito de transferência e já se impõe com relação a elaboração teórica do conceito.

Conceitualizada pela primeira vez em 1912 como uma explicação mais sistemática, Freud escreve *A dinâmica da transferência* e aborda algumas questões a respeito da relação analisando/analista que, assim como acontece em toda a sua obra, será objeto de novas reflexões.

Freud inicia seu texto, alertando-nos de como esse fenômeno da transferência, ocorre na análise. Mostra-nos a partir do conceito de clichê, o quanto ele tem sua cota de formação na atitude transferencial. Ele diz:

Deve-se compreender que cada indivíduo, através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas durante os primeiros anos, conseguiu um método específico próprio de conduzir-se na vida erótica - isto é, nas precondições para enamorar-se que estabelece, nos instintos que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo no decurso daquela. (Freud, 1912/1969, p.111)

“De um modo geral, a capacidade de amar de um indivíduo é caracterizada pela repetição perpétua, ao longo da vida, de um clichê ou estereótipo (ou de vários) que determina as condições dessa capacidade amorosa” (...), é o que afirma Lagache (1990) a respeito das explicações de Freud sobre os clichês. O clichê ou estereótipo é resultado da interação das disposições constitucionais e dos eventos da vida. Esses fenômenos reproduzem-se na relação do paciente e do psicanalista que é assimilado a protótipos preexistentes (Lagache, 1990). Para Freud, é normal que a energia libidinal seja direcionada para a figura do analista, energia libidinal de uma pessoa que se acha parcialmente insatisfeito. O paciente acaba por formar séries psíquicas na qual vai incluir o analista.

Pois bem, afirmações e esclarecimentos feitos, Freud ainda aponta para a transferência e os clichês na sua formação, como maneira não exclusiva da sua instalação. Também a imago paterna, a imago fraterna e a imago materna podem ser responsáveis pela transferência. Dessa maneira, independentemente de onde ela tenha vindo, seus conteúdos são da ordem do inconsciente e do consciente.

Porém, advinda de todas as suas explicações sobre a transferência, existem interrogações. A transferência na análise se apresenta como uma poderosa resistência e igualmente um mecanismo de cura e sucesso. Sendo assim, para ele, pelo menos neste momento, se as associações durante a análise são interrompidas é porque a resistência pode surgir ao mesmo tempo como obstáculo e agente propulsora do tratamento, e estão sendo dominadas por associações referentes a figura do médico e só será removida quando for mostrada para o paciente (1912).

Como aquilo que constitui o fator mais forte na análise se transforma no mais poderoso meio de resistência? As particularidades da transferência do psicanalista têm relações com a resistência, Lagache (1990). Ora, a transferência sempre implica no deslocamento da libido de objetos originais passados para a figura do analista. É uma operação inconsciente que remete à compulsão à repetição. Isso quer dizer que o paciente repete na análise aquilo que foi recalcado no passado, só que agora pertencente ao presente. Assim, no trabalho da análise, essa libido trará consigo um combate. Todas as forças que a fizeram regredir, se erguerão a fim de conservar o que era antes, agora manifestando-se como resistências.

Esta luta entre o médico e o paciente, entre o intelecto e a vida instintual, entre a compreensão e a procura da ação, é travada, quase exclusivamente, nos fenômenos da transferência. É nesse campo que a vitória tem de ser conquistada - vitória cuja expressão é a cura permanente da neurose. Não se discute que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente. Pois, quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém *in absentia ou in effigie*. (1912/1969, p.119)

Como afirma Lagache (1990, p. 19). “cada pensamento, cada ato mental do paciente, é um compromisso entre as forças que impedem o tratamento e as forças mobilizadas para se opor a ele”. Eis que, a resistência faz parte do tratamento.

Freud aponta-nos a importância de tratar os conflitos na transferência para produzir associações em um dado momento da análise, pois, há algo que necessita ser transferido para a figura do médico. Ela se inicia pela análise da resistência, uma forma de burlar o tratamento contra o sintoma, e que faz dela um obstáculo à livre associação, paralisa. De acordo com Cesário (2011),

A transferência que deveria ser a mola propulsora do tratamento por atualizar os laços sexuais infantis e fornecer condições para que se opere uma mudança desses laços,

passa a se configurar como obstáculo ao tratamento. Pois, a transferência ao ser usada pela resistência, passa a ser uma forma de o sujeito burlar as investidas clínicas contra o sintoma. (p. 1)

A transferência é o meio de resistência, afirma Freud, pois, se torna difícil admitir qualquer impulso do desejo e isso dá origem a situações no mundo real que mal parecem possíveis:

Por que a transferência se presta assim admiravelmente a servir como meio de resistência? Seria de crer que a resposta a essa pergunta deve ser fácil. Pois é claro que a confissão de todo desejo proibido é especialmente dificultada, quando deve ser feita à própria pessoa à qual ele diz respeito. Tal imposição leva a situações que parecem quase inviáveis no mundo real. (Freud, 1912/1969, p. 116)

A transferência pode ser tanto positiva quanto negativa. Temos que separar a transferência de sentimentos hostis das dos afetuosos. Tanto a transferência negativa quanto a positiva são de natureza inconsciente e assentadas em impulsos sexuais eróticos reprimidos, e devem ser trabalhadas em análise, embora de maneira distintas. Lagache (1990), nos auxilia na distinção da transferência positiva da transferência negativa. A positiva, afirma o autor, é da ordem da transferência dos sentimentos amigáveis e afetuosos e repousam sempre numa base erótica:

E somos assim levados à descoberta de que todas as relações emocionais de simpatia, amizade, confiança e similares, das quais podemos tirar bom proveito em nossas vidas, acham-se geneticamente vinculadas à sexualidade e se desenvolveram a partir de desejos puramente sexuais, através da suavização de seu objetivo sexual, por mais puros e não sensuais que possam parecer à nossa autopercepção consciente. Originalmente, conhecemos apenas objetos sexuais, e a psicanálise demonstra-nos que pessoas que em nossa vida real são simplesmente admiradas ou respeitadas podem ainda ser objetos sexuais para nosso inconsciente. (Freud, 1912/1969, p.116,117)

A negativa, é a transferência de sentimentos hostis e se desenvolve paralelamente a transferência positiva, com o mesmo objeto, nesse sentido há uma ambivalência. Quando a transferência se torna essencialmente negativa a

possibilidade de tratamento desaparece, a análise da transferência afasta a pessoa do analista o sentimento hostil, afirma Lagache (1990).

Suas reflexões não se esgotam, em 1914, no trabalho, repetir, recordar e elaborar ele aprofunda conceito de repetição. Ao abandonar a hipnose, procurou descobrir o que o paciente deixava de recordar. Adotou a associação livre e buscou contornar a resistência, ao perceber os resultados do trabalho da interpretação. Dessa maneira, a Ab-reação foi substituída pelo trabalho que o paciente tinha que fazer para superar sua censura. Adotou a arte da interpretação para identificar as resistências e tornar o inconsciente consciente ao paciente:

Por fim se formou a técnica coerente de agora, na qual o médico renuncia a destacar um fator ou problema determinado e se contenta em estudar a superfície psíquica apresentada pelo analisando, utilizando a arte da interpretação essencialmente para reconhecer as resistências que nela surgem e torná-las conscientes para o doente. (Freud, 1914/2014, p. 147)

Assim que o paciente vencer essas situações surge o que ele chama de uma nova divisão de trabalho, onde o médico revela o que é desconhecido ao paciente e, o paciente consegue relacionar as situações sem dificuldade. Trata-se então de superar a resistência e preencher as lacunas da memória

Não devemos deixar de ter gratidão pelo método hipnótico, salienta Freud, pois apresentou aos médicos processos psíquicos únicos e deu coragem para criar situações mais complicadas no tratamento e fossem mantidas com clareza:

Temos que permanecer gratos à velha técnica hipnótica por nos ter mostrado processos psíquicos da análise de modo isolado e esquemático. Apenas assim pudemos adquirir o ânimo de criar nós mesmos situações complicadas na terapia analítica e de mantê-las transparentes. (Freud, 1914/2014, p. 147)

Nesse processo da hipnose, recordar funcionava dessa maneira: o paciente se colocava outra vez numa situação anterior e fornecia relatos dos processos mentais transformando processos inconscientes em conscientes.

Assim, Freud coloca questões que todo psicanalista já viu em suas observações: esquecer cenas e situações quase sempre reduz a interceptá-las. Quando o paciente fala do que esqueceu, sempre acrescenta que sempre soube, apenas não havia pensado nisso. Fica desapontado por não vir a cabeça coisa esquecidas, em que nunca pensou. O esquecer fica restrito, mais ainda, ao avaliar as lembranças encobridoras, afirma Freud. A totalidade do que é essencial na infância foi retido nas lembranças encobridoras. Trata-se de saber como extrair isso em análise:

(...) Não raro ele expressa desapontamento por não lhe ocorrerem bastantes coisas que possa reconhecer como “esquecidas”, em que nunca tenha pensado novamente desde que sucederam. No entanto, também esse anelo é satisfeito, sobretudo nas histerias de conversão. O “esquecimento” sofre ainda limitação se apreciarmos as lembranças encobridoras, de presença universal. (Freud, 1914/2014, p. 148)

Quando se conta ao paciente a técnica da psicanálise e pede a ele, que fale da primeira coisa que vem à mente, é comum que o paciente não consiga pensar em nada, fica silencioso e diz que não tem nada a dizer. Há neste ponto uma resistência em recordar. Dessa maneira, Freud está interessado em relacionar a compulsão a repetição com a resistência e a transferência.

Logo percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual”. (Freud, 1914/2014, p. 150).

Não apenas recordam, afirma Freud, mais em cada relacionamento o paciente remete-se a uma atitude de compulsão a repetição. A transferência positiva branda é na opinião do autor essencial para que se inicie o tratamento, pois, assim o paciente consegue desenterrar lembranças como se estivesse em estado de hipnose. Caso, torne-se a transferência hostil ou intensa, o recordar

abre caminho para a atuação, e a repressão é acionada. Segundo Cesário (2011),

Freud considera que a transferência, no decorrer do tratamento assume um caráter compulsivo. Haja vista nossa discussão estar situada no contexto clínico podemos destacar que a exacerbação da disposição erótica do sujeito é endereçada ao analista, e nesse sentido, torna-se de tal modo repetitiva que podemos localizar, nesse momento lógico da análise, que a transferência configura-se como resistência, pois tanto as associações de ideias do analisando quanto seus atos (acting-out) estão repetindo um padrão sexual infantil. (p.2)

É, do arsenal do passado, afirma Freud, que o paciente retira as armas que se defende do progresso do tratamento (p. 151). No entanto, pergunta-se o que o paciente repete?

A resposta será que ele repete tudo o que, das fontes do reprimido, já se impôs em seu ser manifesto: suas inibições e atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter. Ele também repete todos os seus sintomas durante o tratamento. (p. 151).

Ainda afirma Freud, nesses casos, não se deve tratar essas forças como sendo do passado, mas, como força atual. Enquanto o paciente o experimenta como algo atual, cabe ao analista remontar ao passado, além de ter que ocasionar uma mudança no pensamento do paciente em relação a sua doença, dirigir atenção a sua dor.

Também afirma Freud, que ações fora da transferência, feitas pelo paciente, podem causar danos a ele mesmo. Vejamos sua afirmação a respeito:

Para ele, o recordar à maneira antiga, reproduzir no âmbito psíquico, continua sendo a meta a que se apegamos, embora saibamos que na nova técnica isto não se pode alcançar. Ele se dispõe para uma luta contínua com o paciente, a fim de manter no âmbito psíquico todos os impulsos que este gostaria de dirigir para o âmbito motor, e comemora como um triunfo da terapia o fato de conseguir, mediante o trabalho da recordação, dar solução a** algo que o

paciente gostaria de descarregar através de uma ação. (Freud, 1914/2014, p. 152)

No entanto, afirma Freud, há a possibilidade de alguns “instintos indomáveis” se revelam antes que a transferência lhe seja posta afim de “domá-lo” o que pode romper os laços do paciente ao tratamento. Para impedir que isso aconteça, é por meio do manejo da transferência. Desse modo concede-se a compulsão um campo definido:

Assim a transferência cria uma zona intermediária entre a doença e a vida, através da qual se efetua a transição de uma para a outra. O novo estado assumiu todas as características da doença, mas representa uma enfermidade artificial, em toda parte acessível à nossa interferência. Ao mesmo tempo é uma parcela da vida real, tornada possível por condições particularmente favoráveis, porém, e tendo uma natureza provisória. Das reações de repetição que surgem na transferência, os caminhos já conhecidos levam ao despertar das recordações, que após a superação das resistências se apresentam sem dificuldade. (Freud, 1914/2014, p. 154)

A maneira pela qual, barramos a resistência é revelando-a ao paciente. Finaliza seu texto, afirmando que a elaboração das resistências pode se tornar uma tarefa árdua. No entanto, é o trabalho que efetua as maiores mudanças no paciente e distingue o tratamento analítico das outras terapias.

Dessa maneira, a resistência de transferência só faz sentido, como bem assinala Lagache (1990, p.20), “numa situação em que o médico quer conduzir o paciente à realidade e à razão”. O que faz com que ao ser interpretada, ela coloque para a paciente face a uma situação de frustração e de regressão.

Em 1915, ao escrever *Observações sobre o amor de transferência*, Freud afirma que as dificuldades realmente sérias para o iniciante em psicanálise, são as do uso da transferência. As avaliações de Freud a respeito do amor de transferência, destinam-se para o analista e para o analisando. Primeiramente nos esclarece, que não deve o analista compreender que ele precisa ter orgulho dessa conquista, pois, essa paixão é induzida pela situação analítica, vemos aí

a dinâmica da contratransferência. Uma paixão, destinada a permanecer inexpressa e não analisada não prestará na cura do paciente, a contribuição que a psicanálise poderia extrair dela. O que ocorre é que a paciente perde o interesse pela compreensão do tratamento, não quer falar de outra coisa a não ser de seu amor, deixa de mostrar sintomas, ou não lhes dá atenção, achando estar curada:

Há uma mudança completa de cenário, como quando uma brincadeira dá lugar a uma realidade que irrompe inesperadamente, como um grito de “Incêndio!” lançado no meio de uma apresentação teatral. Para o médico que pela primeira vez tem tal experiência, não é fácil manter a situação analítica e escapar à ilusão de que o tratamento chegou de fato ao fim. (Freud, 1915/2014, p. 162)

Ao dar continuidade as suas reflexões para achar o caminho, acredita que tudo que atrapalha a continuação da terapia, pode ser uma manifestação da resistência. Há também para Freud, motivações complicadoras, que estão ligados a figura do analista, como o empenho da paciente em assegurar que é irresistível, quebrantando a autoridade do médico, se colocando no lugar da amante e obter as vantagens da satisfação amorosa. Sobre as manifestações especiais da resistência, recorrem a declaração do amor ao analista provocando uma reprovação, justificando o trabalho da repressão.

Freud orienta aos analistas sobre o comportamento que devem ter para não fracassar nessas situações: O analista deve recusar a paciente necessitada de amor, a satisfação pela qual ela anseia. Devem esses existir como força impulsionadora, do trabalho e da mudança. Seria um triunfo para a paciente, afirma Freud e uma derrota para o tratamento, essa paixão correspondida:

O caminho do psicanalista é um outro, para o qual não há modelos na vida real. É preciso cuidar para não nos afastarmos da transferência amorosa, não afugentá-la ou estragá-la para a paciente; e também abstermo-nos, de modo igualmente firme, de corresponder a ela. (Freud, 1915/2014, p. 166)

Desse modo, deve o analista conservar a transferência amorosa, tratando como algo irreal, como uma situação a ser atravessada na terapia e reconduzida a suas origens inconscientes, ajudando a pôr na consciência, sob controle o que há de mais escondido na vida amorosa do paciente.

A paciente, cuja repressão sexual não foi abolida, apenas impelida para trás, se sentirá então segura o bastante para trazer à luz todas as suas condições para o amor, todas as fantasias de seu anseio sexual, todas as características de sua paixão, e a partir delas abrirá por si mesma o caminho até os fundamentos infantis de seu amor. (Freud, 1915/2014, p. 166)

Esse amor, apresenta-se com características de repetições e reações infantis anteriores. É só analisar detalhadamente o comportamento amoroso do paciente. Freud resume todos os seus argumentos e hipóteses de idas e vindas na sua teoria: não temos o direito de recusar o caráter do amor, a paixão que surge no tratamento analítico. Essa paixão é provocada pela situação analítica, intensificada pela resistência e é menos sensata:

Motivos éticos se juntam aos técnicos para impedir que o médico dê amor à paciente. Ele deve manter em vista o objetivo de que essa mulher, prejudicada em sua capacidade amorosa por fixações infantis, chegue a dispor livremente dessa função, de tão inestimável importância para ela; e que não a dissipe na terapia, guardando-a para a vida real, após o tratamento, quando as exigências desta se fazem sentir. (Freud, 1915/2014, p. 169)

Para Freud, há o perigo de fazer esquecer a técnica, frente aos desejos mais sutis da mulher, mesmo assim, ceder continua fora de questão. Há um combate a ser travado no íntimo da psicanalista frente os poderes que tentam tirá-lo do nível analítico, contra os adversários que contestam os poderes das forças motrizes sexuais e na análise contra seus pacientes.

Já nas Conferências Introdutórias, (1916-1917) ao falar sobre transferência, Freud observa que os esforços para o tratamento de um neurótico se deparam com um problema que não havia sido levado em conta. O paciente,

que deveria estar desejoso em encontrar uma saída para seus conflitos internos, desenvolve um interesse especial pela figura do médico:

Tudo o que se relaciona ao médico parece ser mais importante para ele, do que seus próprios assuntos, e parece desviá-lo de sua própria doença. Durante algum tempo, por conseguinte, as relações com ele se tornam muito agradáveis; o paciente é especialmente amável, procura, sempre que possível, mostrar sua gratidão, revela refinamento e méritos em seu modo de ser, que, talvez, não esperaríamos encontrar nele (Freud, 1916-1917/1969, p. 444)

Desse modo, assim que o analista tem a oportunidade de conversar com a família do analisando, pode constatar a afeição, que em casa, não se cansa de elogiar o analista. Sendo assim, neste momento, afirma Freud, o paciente faz progressos, pois, compreende aquilo que lhe é interpretado. No entanto, nem tudo será feito desses bons tempos. Surgem as dificuldades do tratamento, onde o paciente dá a impressão de não estar mais interessado no trabalho da análise. Está então o analista, se defrontando com uma resistência. O que aconteceu? Como explicar isso?

O que está em jogo nesse momento pra Freud, é o curso da relação pessoal entre analista e analisando. Ele afirma, que o relacionamento emocional se repete, quanto mais divergirem. Freud chama de transferência esse fato e afirma:

Com isso queremos dizer uma transferência de sentimentos à pessoa do médico, de vez que não acreditamos poder a situação no tratamento justificar o desenvolvimento de tais sentimentos. Pelo contrário, suspeitamos que toda a presteza com que esses sentimentos se manifestam deriva de algum outro lugar, que eles já estavam preparados no paciente e, com a oportunidade ensejada pelo tratamento analítico, são transferidos para a pessoa do médico. (1916-1917/1969, p. 443).

E assim, ela pode aparecer de forma moderada, ou como a uma apaixonada exigência do amor, no fim, sua origem é sempre a mesma. E nos

pacientes do sexo masculino também existe a mesma vinculação ao médico. O que ocorre nesses casos, é que o médico encontra uma forma de expressão que é uma transferência hostil ou negativa.

Assim, Freud esclarece que se uma transferência está presente no tratamento desde o início, deve ser o mais poderoso móvel do progresso, age a favor do trabalho conjunto da análise. Caso se transforme em resistência, deve o analista voltar sua atenção a ela reconhecendo que modifica sua relação para com o tratamento:

Primeira, se na forma de inclinação amorosa ela se torna tão intensa e revela sinais de sua origem em uma necessidade sexual de modo tão claro, que inevitavelmente provoca uma oposição interna a ela mesma; e, segundo, se consiste em impulsos hostis em vez de afetuosos. (Freud, 1916-1917/1969, p. 444)

Desse modo, Freud chama a atenção para os sentimentos hostis que, revelam-se mais tarde do que os afetuosos, se ocultando atrás destes, apresentando um quadro de ambivalência emocional, dominante nas nossas relações íntimas com outras pessoas:

Os sentimentos hostis indicam, tal qual os afetuosos, haver um vínculo afetivo, da mesma forma como o desafio, tanto como a obediência, significa dependência, embora tendo à sua frente um sinal 'menos' em lugar de 'mais'. Não podemos ter dúvidas de que os sentimentos hostis para com o médico merecem ser chamados de 'transferência', pois a situação, no tratamento, com muita razão não proporciona qualquer fundamento para sua origem; essa inevitável visão da transferência negativa nos assegura, portanto, que não estivemos equivocados em nosso julgamento acerca da transferência positiva ou afetuosa. (Freud, 1916-1917/1969, p. 444)

Assim, Freud afirma, onde surge a transferência, que dificuldades nos causa, como superar e as vantagens dela, são questões que devem ser tratadas em um manual técnico de análise, tratando levemente nesse trabalho.

Para superar a transferência, afirma Freud, somente mostrando ao paciente, que seus sentimentos não têm origem na situação atual, não tem origem na pessoa do médico, mas, sim a algo que está repetindo e lhe aconteceu anteriormente, transformando a repetição em lembrança. Por isso, a transferência, sendo ela, amorosa ou hostil, transforma-se no maior instrumento, que com o auxílio pode abrir os maiores compartimentos da vida mental. A doença do paciente não é algo rígido ou acabado, mas que está crescendo e evoluindo, como um organismo vivo. O início do tratamento não finaliza essa evolução, ocorre que a totalidade dessa doença, concentra-se apenas na relação com o médico.

E quando ela atinge um grau de importância, o trabalho com as recordações, retira-se para o fundo da cena. Assim, não é incorreto dizer que o analista já não mais se ocupa da doença anterior, mas, de uma nova neurose, recentemente criada e transformada que assumiu o lugar da anterior.

Todos os sintomas de paciente abandonam seu significado original e assumem um novo sentido que se refere à transferência; ou apenas tais sintomas persistem, por serem capazes de sofrer essa transformação. Mas dominar essa neurose nova, artificial, equivale a eliminar a doença inicialmente trazida ao tratamento - equivale a realizar nossa tarefa terapêutica. (Freud, 1916-1917/1969, p. 445)

Para a histeria, histeria de angústia e neurose obsessiva, a transferência possui uma importância extraordinária que são classificadas como neurose de transferência. Na medida em que a transferência leva um sinal mais, afirma Freud, ela reveste seu médico de autoridade e se transforma em crença nas suas comunicações e explicações. Na ausência da transferência e se ela fosse negativa, o paciente ignoraria os argumentos do analista. Portanto, de modo geral, um homem só é acessível, desde que seja capaz de uma energia libidinal de objetos. Naturalmente, toda pessoa normal tem uma de dirigir energias libidinais às pessoas.

Em resumo, afirma Lagache (1990), a utilidade desse texto para pensarmos a transferência, parece ser a de dar destaque a concepção libidinal

que Freud tinha da transferência. Essa concepção faz da transferência negativa uma espécie de dependente da transferência positiva.

Freud procede revisões importantes de suas teorias (Lagache, 1990, p. 33). Vemos isso em *Além do princípio do prazer 1920*, onde a questão da transferência é abordada várias vezes.

Com os objetivos da psicanálise alterados, após vinte e cinco anos de trabalho, acreditava Freud, que a transferência, no momento da interpretação no trabalho da análise funcionava como sugestão e nesse sentido pode permitir que o analisando abandone suas resistências.

Dessa maneira, o objetivo que deveria ser atingido nesse trabalho, de que o inconsciente deve tornar-se consciente não era completamente atingido. Assim, o analisando, não sente convicção na construção teórica do analista, então, é obrigado a repetir o material reprimido como se fosse uma experiência atual, em vez de recordá-lo como uma experiência do passado. Essas reproduções que surgem, tem como tema a vida sexual infantil e são atuadas na esfera da transferência, da relação do analista com o analisando. Nessa etapa, afirma Freud, pode-se dizer que a neurose primitiva foi substituída por uma neurose de transferência.

Deve o analista então, forçar-se para manter essa neurose de transferência dentro dos limites, permitindo que surja como repetição bem minimamente. Assim, o analista deve fazer com que o paciente reexperimente uma parte de sua vida esquecida, isso permitirá que aquilo esquecido, é na realidade apenas reflexo do passado esquecido.

Os pacientes repetem na transferência, todas as situações indesejadas e penosas da infância mais engenhosamente:

Procuram ocasionar a interrupção do tratamento enquanto este ainda se acha incompleto; imaginam sentir-se desprezados mais uma vez, obrigam o médico a falar-lhes severamente e a tratá-los friamente; descobrem objetos apropriados para seu ciúme; em vez do nenê apaixonadamente desejado de sua infância, produzem um plano ou a promessa de algum grande presente, que em

regra se mostra não menos irreal. (Freud, 1920/1969, p. 14)

Essas experiências infantis não foram prazerosas, e ao assumirem a forma de experiências novas são repetidas na compulsão de uma pressão. Assim essa revelação feita, dos fenômenos da transferência na vida dos neuróticos, também pode ser observada na vida das pessoas ditas normais. Não são espíritos malignos nem demoníacos, mas as influências infantis primitivas.

Freud dá ênfase a compulsão a repetição, e a resistência exploração os fenômenos da transferência que o ego mantém na insistência a repressão, a compulsão a repetição.

Para Lagache, (1900) Freud se apoia nesses dados para demonstrar que existe um automatismo na repetição que vai transcender o princípio, prazer-desprazer. Até o momento, nada de novo nessa afirmação, uma vez que Freud, já havia afirmado isso em outros trabalhos. No entanto, são apresentados de um ângulo novo:

O pensamento de Freud parece comportar certas reservas: no início a criança esperava ter prazer; mais tarde, o que é desprazer para um sistema (o ego) pode ser prazer para um outro (o id); a experiência pode ser menos desagradável enquanto objeto de lembranças e de sonhos. (p. 34)

Essas observações não devem ser consideradas como dificuldades, afirma Lagache (1990), pois, no capítulo V, Freud vai afirmar categoricamente que a compulsão a repetição, na transferência, é independente do princípio do prazer. O que se pode dizer então, é que os fenômenos da transferência, figuram no primeiro plano, entre os dados que decidem Freud a postular a compulsão a repetição, que repercute de maneira pessimista como apresenta os fenômenos da transferência.

Mas em 1921, quando escreve Psicologia das Massas e análise do Eu, que Freud vai mostrar sua reflexão sobre a transferência na hipnose, no amor e na vida social. Freud nos diz que Ferenczi descobriu que o hipnotizador, ao dar a ordem para dormir, conforme prática na hipnose, o hipnotizador se põe no lugar

dos pais. E assim, há duas espécies de hipnose, uma com um modelo materno e outro com um modelo paterno. Assim, o hipnotizador desperta uma herança arcaica, que também se harmonizou com os pais, como foi na relação do indivíduo da horda primeva como pai primordial. Assim, mostra-nos Lagache (1990) a sugestão que é feita pelo hipnotizador, assenta-se sobre o vínculo erótico:

Em toda análise acontece ao menos uma vez o paciente afirmar teimosamente que nada lhe ocorre. Suas associações livres cessam, e fracassam os estímulos para pô-las em movimento. Pressionando-o, obtemos enfim a admissão de que ele pensa na vista a partir da janela do consultório, no papel de parede à sua frente ou na lâmpada de gás que pende do teto. Então sabemos de imediato que ele se entregou à transferência, que é solicitado por pensamentos ainda inconscientes que se referem ao médico, e vemos acabar a interrupção dos pensamentos espontâneos, assim que lhe é dada tal explicação. (Freud, 1921/1969, p.98)

Assim, concluiu Lagache (1980), Freud ao longo dos anos, não modificou muito, suas concepções essenciais, pois, nos anos 20 e 30 escreveu bem pouco sobre o assunto diretamente.

Passemos a pensar a respeito da transferência, que até agora, buscou as definições de Freud na relação analista e analisando, para a relação professor-aluno e suas demandas e manejos.

4.1 Transferência na relação professor-aluno

Considerando que a transferência ocorre em diferentes contextos sociais Mireille Cifali (1999) ao tratar de transferência na relação educador-aluno, retoma os trabalhos de Aichhorn.

Para esse autor a relação educador-educando é o pano de fundo para muitas situações. Sendo que o desafio está em estabelecer uma transferência positiva com a criança, uma relação afetiva forte, que será o grande motor da ressocialização dela. Dessa forma, não é o ambiente o fator preponderante na educação dos pequenos, nele encontramos apenas o sustento de tais relações.

Cifali (1999) nos mostra que para Aichhorn, a transferência positiva instalada, auxilia a criança a tornar-se mais receptiva, livre e transformar sua relação com o mundo. Devem, então os educadores habituar as crianças a viverem felizes, apresentando-se sobretudo com rostos felizes. Aichhorn dirige suas críticas sobretudo às instituições que são enrijecidas, uniformizam as crianças, a educação, o conhecimento e acabam afastando a criança de uma vida mais equilibrada. É extremamente danoso impedir que as crianças se expressem. Os educadores devem buscar as singularidades de cada um e valorizá-las em vez de apresentar-se como autoridade máxima e indiscutível. Na opinião de Aichhorn, deve o educador se pôr ao lado da criança associal e admitir que a atitude que ela tem no que se diz respeito ao mundo que a cerca é justificada.

Já para Kupfer (1997), o professor acaba por se tornar a “figura a quem serão endereçados os interesses de seu aluno, porque é objeto de uma transferência. E o que se transfere, são as experiências vividas primitivamente com os pais” (p. 88).

O que Kupfer nos traz como transferência na relação professor-aluno é nada mais que o movimento do desejo se aferrando num elemento particular que é a pessoa do professor. Seu desejo de saber, aferra-se na pessoa do professor. Neste sentido, vemos o conceito de clichê, definido por Freud transferido para a figura do analista, afirma Kupfer:

Isso resulta, por assim dizer, num clichê (ou vários), que no curso da vida é regularmente repetido, novamente impresso, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos amorosos acessíveis o permitem, e que sem dúvida não é inteiramente imutável diante de impressões recentes. Nossas observações mostraram que somente uma parte desses impulsos que determinam a vida amorosa perfaz o desenvolvimento psíquico; (Freud, 1912/1969, p. 101)

Em suas reflexões sobre a relação transferência, ela não para aí. Nos leva a refletir que assim que a transferência se instala, se torna o professor, depositário de algo que pertence ao aluno e é assim que tais figuras ficam carregadas de uma importância especial e é daí que advém o poder que tem o professor sobre o indivíduo. Assim, salienta a autora, passarão a fazer parte do cenário inconsciente, tanto o analista quanto o professor, pois, a eles serão atribuídos um sentido que é conferido pelo desejo. É assim que sua fala deve ser escutada, a partir dessa especial posição.

Então, descreve-nos Kupfer, cabe apenas ao analista compreender como esse desejo se realiza. Não é também do agrado do aluno que o professor faça isso. Seu interesse está apenas no fato dele querer que o professor suporte esse lugar. O papel do educador nesse momento é de fundar sua autoridade e contribuir para a formação reguladora, normatizante. Contudo não é possível que este apareça com seu desejo anulado ou pessoa esvaziada. O professor também é marcado pelo seu próprio desejo (p.94). Eis que se instaura uma relação conflituosa: o professor está ali justificado pelo seu desejo de estar. Mas estando ali precisa renunciar a esse desejo.

4.2 O caso M.

Iniciamos esse capítulo com questionamentos a respeito de uma particular relação transferencial com um aluno, a quem endereçamos o mover desse trabalho. Apesar de muitos questionamentos nortearem nossa relação, todo o movimento de definição de transferência na psicanálise, nos fazem pensar

que na cena educativa não podemos apenas fazer uma adaptação da noção de transferência, como ela é usada no trabalho psicanalítico. Até aqui, nos foi possível fazer muitas aproximações. No entanto, nem tudo é tão belo quanto aparece nessa dinâmica. “Muitas vezes, o que aparece nessa transferência pode dificultar que o professor consiga ocupar um lugar, uma posição interessante diante do que chega” (Pinto, 2012, p. 76). O que ocorre, é que essa criança, pode estar num lugar em que provoque sentimentos delicados no outro.

Desde a sua chegada a escola nova, ao nosso grupo, grupo de alunos de 5 anos, esse aluno, a quem eu chamarei de M, procurou o seu lugar, na sua relação com o outro, as quais se externavam em questões como: “O que eu sou para o outro?”; E verbalizava em: “Odeio todas as crianças, elas devem ficar de castigo e morrer!”; “O que o outro quer de mim?” que verbalizava em: “Vou falar para todos os marimbondos virem atrás de você para picar!”, até o “Não gosto dessa escola, eu nunca mais vou voltar aqui!”. Trazia aquilo que seus pais tinham lhe oferecido como vivências de infância: uma relação amorosa com a mãe, mas, que era interrompida por conta do seu trabalho e pelo fato de ter que deixá-lo o dia inteiro na escola.

Me escolheu para nomear como feia. Observava que M. estava identificado comigo, pois, sentia-se desprezado pela mãe, quando resolveu trocá-lo de escola e lhe separar de seus vínculos mais primitivos estabelecidos ali: “Eu não gosto dessa escola, ela não tem números, na outra tinha números na porta, vou falar com a minha mãe!”. Por isso, não raro, me agredia com palavras duras e rudes e que, a maneira que tive que suportar essas investidas parecem ter sido fundamentais. Tive que assumir o lugar de feia para poder trabalhar e sair dele na dinâmica do que chamamos de transferência negativa:

M: - “Não gosto mais de você!”.

EU: - “É, é muito chato mesmo quando alguém não gosta mais de mim!”

E era me colocando no lugar de agressividade, de feia, no lugar da pessoa odiada, que ele poderia experimentar o lugar do amado, com questões como minha mãe não está comigo, minhas relações com as pessoas que eu gosto foram cortadas, não estou mais na outra escola. Mas nem sempre, tudo era apenas agressividade. Sabemos que a transferência apresenta uma

característica ambivalente, que as vezes tentava agradar, e muitas vezes aspectos de hostilidade, como esses descritos:

Estávamos, desde o princípio, igualmente inclinados a amá-los e a odiá-los, a criticá-los e a respeitá-los. A psicanálise deu o nome de “ambivalência” a essa facilidade para atitudes contraditórias e não tem dificuldade em indicar a fonte de sentimentos ambivalentes desse tipo. (Freud, 1914/1969, p. 286)

A transferência na cena educativa, permiti-nos estar em outra posição, que não é a mesma do analista, isso já dissemos aqui anteriormente. Sabemos que a transferência não serve como instrumento de trabalho como para os analistas. O analista, por sua vez, pode escutar, até aquilo que o analisando não diz, mas, que está na cena, (Pinto, 2014). Ao professor, não é possível que faça essa escuta, pois, é ele que fala, não é ele quem escuta, quando apresenta sua relação com os objetos da cultura, afirma Pinto (2014): “Vemos a transferência na cena educativa, como um jogo de amor e de ódio, em que o professor é objeto; mais ainda, um jogo em que ninguém está em seu lugar atual e sim alhures no imaginário do outro”. (p. 75,76).

Nossas intervenções não ocorriam no sentido de mover sobre sugestão, da ordem de suas palavras dizendo “Não, eu não sou feia!”, mas sim, utilizava a transferência para promover o deslizamento dessa questão, o que permitia que M. se acalmasse, quando encontrava o lugar em que ele achava que estava, o lugar que o angustiava.

Pelo campo da transferência que muitas vezes M. conseguiu nomear sua angústia. Muitas vezes, em seus momentos mais críticos, em que manifestava expressões de furor e ódio, minha fala era:

- *“O que você está sentindo?” Ódio? Raiva?*

- *M: Não gosto das crianças, elas são muito bagunceiras!*

Ali percebia seu descontentamento e angústia por não se sentir pertencente aquele grupo, não era ali que deveria estar, era na outra escola, com outros amigos.

Assim, M ligou-se muito fortemente a mim. Em alguns momentos, se aproximava de mim como a feia, esbravejando, mas, dando mostras de seu encantamento, dizendo que gostava muito de mim, curiosamente ligando-se muito a mim.

5.0 CONCLUSÃO

A proposta empreendida nesta pesquisa foi de compreensão das possíveis relações entre a psicanálise e a educação, particularmente no Brasil, para, em seguida, situar a importância do conceito de transferência sobretudo no que diz respeito aos seus manejos na sala de aula. Mesmo que a transferência não seja privilégio da relação professor-aluno, nela ocorre um certo tipo de registro muitas vezes como um amor, uma paixão. Assim, são oferecidas as condições para a emergência da transferência. Como vimos, foi a partir dessa posição frente aos investimentos amorosos que se configurou um trabalho com M.

Nessa relação, inicialmente via-se sentimentos que indicavam a presença de um vínculo afetivo, ainda que com um sinal negativo. Neste momento, não estava em jogo nenhuma técnica, apenas o discurso escolar assegurando que M. não estava adaptado. Essa não era a preocupação das educadoras, que apenas buscavam encontrar os objetos do mundo disponíveis para ele.

O estudo da teoria freudiana possibilitou observar que a transferência, não se produz na cena educativa tal qual na relação analista-paciente, pois, o professor, não tem o que fazer com ela, não serve de instrumento de trabalho como ocorre na análise (Pinto, 2014). O que muitas vezes vemos na cena educativa é um jogo de amor e ódio intervindo no cotidiano das crianças. Como educadora sustentar o lugar transferencial da feia, como ocorreu com M., não foi muito fácil, ainda que soubesse que era que se tratava disso.

Levando em consideração as características ambíguas da transferência, essas investidas agressivas de M., foram consideradas materiais norteadores de nossas relações na sala de aula. O fato de a mãe ter colocado M. em uma nova escola, o dia todo, o irmão pequeno em casa parece ter incidido em M. algo como, você é feia, pois, você me colocou aqui. O que precisava ser feito ali, era nomear e entender o que ele sentia. Ocupar o lugar da feia fazia com que M. se acalmasse.

A partir de então, M. se ligou fortemente a mim. Nos momentos atuais, M. fala em amor. Que me ama muito e quer que eu vá em sua casa. O manejo da

transferência negativa foi o de suportar meu lugar de feia. O amor dirigido a mim, propiciou uma mudança na relação por meio das suas elaborações inconscientes, de uma passagem de uma agressividade para uma nova posição diante daquilo que o angustiava. É a partir da posição que se coloca frente aos investimentos que se configura uma tarefa possível.

Assim este trabalho caminhou no sentido de compreender os laços históricos que professor-aluno que o conceito de transferência permite entrever. Pensamos ter sido está a nossa contribuição para o trabalho cotidiano dos educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRÃO, J. L. F. *A história da psicanálise no Brasil*. São Paulo: Escuta, 2001.
- CESARIO, Carla Grazielli de Castro. Resistência: Um obstáculo no caminho da psicanálise?. Disponível em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Trabalhos/11.pdf>. Acesso em 15 nov. 2016
- CIFALI, Mireille; IMBERT, Francis. *Freud e a pedagogia*. São Paulo: Loyola, 1999. 166 p.
- FREUD, Sigmund. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1909). *As cinco lições de psicanálise*. In: Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1913) *Prefácios e textos breves*. In: . In: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 10. Companhia das Letras, 2014, 10v.
- _____. (1912) *A dinâmica da transferência*. In: Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1914). *Repetir, recordar e elaborar*. In: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 10. Companhia das Letras, 2014, 10v.
- _____. (1914). *Algumas reflexões sobre a psicologia escolar*. In: Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1915) *Observações sobre o amor de transferência*. In: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 10. Companhia das Letras, 2014,10v.
- _____. (1916-1917) Conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXVII: Transferência.. In: Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1920) *Além do princípio do prazer*. In: Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1921) *Psicologia das massas e análise do eu*. . In: Sigmund Freud Obras Completas. Vol. 15. Companhia das Letras, 2014,10v.
- _____. (1925). *A juventude desorientada de Aichhorn*. In: Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1933) *Novas conferências introdutórias*. In: Edição Standart Brasileira das obras completas de Sigmund Freud. vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- KAUFMANN, Pierre; Ribeiro, Vera. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. 789p.

KUPFER, Maria Cristina Machado. *Freud e a educação: o mestre do impossível*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1997. 103 p.

LINS, Flávia Ranoya Seixas. A psicologização da psicanálise na educação: Um estudo da conexão psicanálise e educação em São Paulo – Brasil. 2009. 123 f. Dissertação – (Mestrado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

NUNBERG, Hermann; FEDERN, Ernest (orgs.). (2008). *Os primeiros psicanalistas: Sociedade psicanalítica de Viena 1906-1908 – vol. I*. São Paulo: Scriptorium, 2015.

Oliveira, Carmen Lucia Montechi Valladares de. *História da psicanálise – São Paulo 1920-1969*. São Paulo: Escuta, 2005.

Oliveira, Carmen Lucia Montechi Valladares de. *Higienismo e psicanálise de criança no Brasil*. 28/08/2009, Sedes Sapientiae 2009. *No prelo* [manuscrito não publicado]

PINTO, Fernanda de Sousa Castro e Noya. A transferência e seus efeitos de saber. – Brasil. 2014. 214f. Tese – (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

VILELA, Ana Maria Jacó; MELLO, Daiane de Souza, FERREIRA, Livia Siliprandi da Silva et al. *Mulher, educação e psicologia*. Disponível em: http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/289.%20mulher,%20educa%C7%C3o%20e%20psicologia.pdf. Acesso em: 24.out.2016